

**(aprendendo) Direitos Humanos  
com Boletins do Fórum Intersindical**

[Boletim Informativo nº 53, janeiro 2020, Artigo do mês]

**Trabalho E... Delírio (IV)***Eguimar Felício Chaveiro**Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos*

Tudo é delírio. O amor, precisa dizer? Delírio ao chegar.  
Delírio ao saber que o amor é correspondido. Delírio ao sair.

Às vezes violento - delírio puro -, de posse, dominação,  
negação da beleza do delírio de chegada.

O desejo de enriquecer: delírio.

O desejo da beleza e da força: delírio.

O delírio na loucura é o atestado de sanidade.

Loucos somos todos os que deliramos na “normalidade”.

Governantes são delirantes em todos os quadrantes,  
deliram com a “eternança” de sua governança.

Que nos apiedemos deles para não apedrejá-los.

Juízes deliram de deuses. Rogam que a capa de Deus seja toga.

Políticos de todos os matizes deliram por suas trajetórias  
inconsequentes e, tantas vezes, corruptas.

Branco supremacistas deliram na cor

- inferior - o branco - a cor ausente do arco-íris -.

Tripudiam do negro - a cor da noite - onde seu ódio e nojo descansam.

Machistas deliram em seus pênis insuficientes e vencidos  
e vão se vingar no delírio covarde de suas covardias.

Homofóbicos deliram em seus medos de serem descobertos

- o delírio de meninos de não serem femininos -.

Os delírios são profusos, tanto quanto são confusos os delírios  
que nos remetem a uma humanidade fora de controle.

Mais do que profusos, os delírios são parafusos desatarraxados da ética  
que emoldura a pergunta: alguém pode ser só no mundo?

Por se tratar de um texto que trata do trabalho e o delírio,  
é preciso mudar de rumo, sem mudar a direção. A direção é clara:  
escrever um texto sobre o trabalho deve tratar do delírio mais pernicioso  
da história humana: a sua exploração.

Se o texto for examinado por uma junta de acadêmicos para decidirem se  
é publicável ou não em alguma revista homologada pela ciência,  
e já se sabe que não, ficaremos frente a frente com o delírio dos doutores.

O delírio dos doutores é como se diz: o delírio dos doutores.

Conseguem delirar acima dos juízes,  
os mais próximos ao delírio de Deus.

Não é disso que tratamos aqui, embora muitos dos doutores  
são os que justificam, adivinhem o quê?

Claro, a exploração do trabalho. Nosso tema.

O Brasil, por oportuno e a devida circunstância, é hoje o balão de ensaio  
do delírio planetário. Não há hoje país no mundo que, tendo vivido a  
democracia durante mais de 30 anos, reúna tantos elementos de extrema  
direita que sonha com a volta da tirania. E, extrema direita, em matéria  
de exploração do trabalho, é o delírio dos exploradores.

Trabalho e delírio é um tema recorrente no nosso cotidiano.

Basta uma pergunta: quantos torcedores entre o milhão que recepcionou  
o Flamengo campeão são explorados no trabalho, quantos trabalham,  
quantos são os desempregados, quantos deliram com seu time campeão  
enquanto o país chafurda na lama do desemprego e da crescente  
exclusão social da informalidade de segunda classe. Que delírio passa na  
cabeça de um menino UBER-EATS, com sua bicicleta entre os BMW e

Jaguars de seus exploradores no trânsito delirante

das grandes capitais brasileiras? Hoje seriam 200 mil, 500 mil?

O IBGE está, um tanto, digamos, convidado a não se manifestar com  
precisão. Vamos exercitar nosso delírio de pesquisadores.

Os nossos meninos cicleteiros têm um delírio inicial: ficar ricos.

Em um ou dois meses, seus delírios mudarão de patamar: desejarão não  
ser atropelados. Os que sobreviverem delirarão com férias,  
aposentadoria, essas coisas fora de moda...

Os atropelados delirarão com um sistema de saúde gratuito e universal,  
tipo SUS, por exemplo. Aí, com o desmonte assassino da saúde serão  
internados, não no SUS, mas nos manicômios que vão voltar em breve,  
pois assim desejam os donos do poder (econômico, político etc...) e, claro,  
os médicos que deliram com o dinheiro que ganha(va)m com a loucura  
(dos outros). Bicicleteiros alçados à condição de delirantes reconhecidos  
por um Estado excludente e tirânico.

Pelo menos serão reconhecidos... como loucos...

No século XIX, quando os trabalhadores se organizaram e começaram a  
entender o quanto eram explorados, se organizaram, foram à luta,  
fizeram opções políticas, conquistaram direitos, todos eles deliravam.

Seus delírios eram por um trabalho dignificante, em que fossem  
considerados cidadãos, sem adoecer e morrer do trabalho. Puro delírio.  
Não sabiam que do outro lado havia uma força mais forte: o delírio do  
Capital. O delírio que não quer ser mais que Deus, quer comprá-lo.

Quando a luta dessas duas classes delirantes começou a se confrontar,  
a batalha foi renhida. Durou algo como duzentos anos, mas agora,  
está aí o resultado: a supremacia do delírio explorador sobre  
o delírio do explorado. Se a vitória do perverso delírio ainda não está  
garantida, está na hora de reciclarmos nossos delírios.

Eles estão defasados. Por um delírio mais delirante.

O delírio da vitória no combate! Delírio. Delírios.

Mudaremos de conversa novamente.

.....



Uma das armas ideológicas do super e ultraliberalismo atual, num aliado abraço com nacionalistas conservadores, militaristas torturadores, pregadores de prosperidades, é afirmar que o trabalho morreu. Se morreu, não precisa haver luta pelo emprego, pelo aumento salarial e contra as perversidades que roubam direitos conquistados, às duras penas, num fio de décadas por sindicatos, movimentos sociais e organizações de trabalhadores.

Outra arma vem de intelectuais. Muitos pregam que o trabalho não é mais uma categoria de identificação das lutas coletivas. Portanto, não faz sentido os trabalhadores alvejarem objetivos comuns, lerem a exploração que sofrem, interpretarem o seu lugar no mundo, a educação precária dos filhos, a moradia precária dos parentes da mesma classe; a mobilidade precária que lhes massacra o corpo com solavancos do “trânsito infernal” e lhes rouba a saúde, o equilíbrio emocional, a energia libidinal. Mas, ação ideológica, posta como delírio, ganha força, quando trabalhadores abandonam a leitura de suas condições, de seus sofrimentos, de suas experiências e delegam toda a precariedade de sua vida a uma causa religiosa. Em muitos casos, nesse delírio ideológico, preferem pagar dízimos, ajudarem na “obra”, orar, do que se organizarem coletivamente. Deus lhes aparece - nesse tipo de delírio - como uma forma de entorpecimento de sua realidade, do que são e do que fazem. Mais delirante é acreditarem na salvação, entregando a sua vida ao adoecimento, e aceitarem a exploração sob o beneplácito da glória salvadora. Como se vê, o delírio tem várias pontas - e vários caminhos -. Parece não interessar ao trabalhador substituir a sua vida concreta em torcer - delirantemente - por um time de futebol que pode ser resultado de maquinações da relação entre corporações capitalistas, marketing, negociações políticas. É delirante os trabalhadores prostrarem-se diante de divindades, mitos, goleadores endinheirados, ídolos suspeitos; calarem-se diante da tragédia social em nome de sonhos de riqueza, glória, sucesso pessoal. A operação delirante, quase sempre oblitera a visão da concretude do trabalho. Ao obliterar controla a emoção do trabalhador; esse controle se dá de várias formas, seja arrefecendo a sensibilidade em nome de selfies, arriscando a vida em esportes radicais, submetendo-se ao ser superior, reduzindo a vida ao prazer sexual, vivendo a própria vida a partir de personagens de novela e de cinema. As máquinas produtoras de delírio querem controlar a emoção do trabalhador, deslocar os seus gostos, os seus desejos, as suas experiências do seu mundo objetivo. Fazer o trabalhador delirar é deslocá-lo da experiência de sua classe - e de seu mundo -. Isso é feito quando os trabalhadores internalizam códigos dos dominadores como sendo seus - e fazem desses códigos a sua visão de mundo -, distorcidos do seu dia a dia. Na vida concreta não há delírio, a não ser o delírio de ver o filho nascer; de abraçar um amigo; de cantar uma música com o colega mesmo sem a rubrica da afinação melódica; de distribuir a comida da própria mesa para os seus e o fazer com apetite amoroso; de dar uma flor à amada e um beijo com o coração alegre. A emoção do trabalhador - sob a mira das máquinas liberais - é alvo do delírio de massa. O trabalhador não pode sabotar a si mesmo. Não se sabotar é não delirar no delírio que o aliena. Há uma única forma do trabalhador entregar-se ao delírio: reconhecer algo muito simples - é o trabalho digno que produz um mundo delirantemente mais justo e mais solidário -. ■ ■ ■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*